

♦Um dos campeões da desconstrução da disciplina de relações internacionais é R. B. D. WALKER, numa profunda crítica a realistas e neo-realistas, principalmente pela análise que faz do dogma central do princípio da soberania, ou da oposição *Inside/Outside*, preferindo alinhar nos que, superando-a, pesquisam as lutas pela justiça mundial e pela ordem mundial. Desta escola nos vêm profundas sugestões para uma reinterpretação da crise do Estado soberano, que só poderão ser verdadeiramente compreendidas quando se ultrapassarem as tradicionais dicotomias dos grandes debates das relações internacionais. Porque as divisões entre utópicos e realistas, ou entre os cientificistas e os tradicionalistas, ambas assentam no dualismo interior/exterior. Aliás, a velha tese sobre a existência de um corpo coerente de realistas, desde os gregos a MORGENTHAU, passando por MAQUIAVEL e HOBBS, que constituiriam a coluna vertebral da cientificidade do político e da análise das relações internacionais, acaba por ser um mito e uma homenagem à verdadeira essência idealista do processo, dado que os chamados realistas apenas são os contraditores dos reais construtores da ciência, aqueles a quem chamam idealistas. Neste sentido, o pós-modernismo acaba por aproximar-se de algumas reivindicações dos chamados neoclássicos, dos que negam a existência de fronteiras entre a teorização da ciência política e das relações internacionais. Porque uma verdadeira teoria política não se reduz à análise do fenómeno do poder no interior dos Estados existentes, exigindo uma perspectiva global do mesmo. Aliás, os mais neoclássicos e globalistas nem sequer admitem compartimentos estantes entre o político e o jurídico, reclamando que tanto o direito como a política se unificam pela axiologia do justo, ao considerarem a justiça como o princípio comum aos dois campos. E as recentes preocupações da globalização, ou mundialização, ao exigirem um político global, apontam para o regresso à semente de *polis* e dizem que o alargamento quantitativo do fenómeno tem de ser enquadrado pela simplicidade qualitativa do mesmo perspectivismo, regressando-se à literatura clássica de PLATÃO e ARISTÓTELES e aos neopolíticos e repúblicos da Baixa Idade Média e do renascentismo. O mesmo WALKER assume também uma posição de quase sátira face aos chamados wallersteinianos que, em torno da globalização, trataram de reeditar categorias absurdas, quando binarizaram os movimentos bons e maus, em torno do processo, falando na lógica dos movimentos críticos, ou sociais, contra os movimentos convencionais, ou reaccionários. Que, na globalização, de um lado, estão os povos, em manifestações de rua, e, do outro, os Estados, em cimeiras. Que, de um lado, estão os iluminados movimentos críticos, que transformam em slogans alguns

artigos científicos da seita e, do outro, as elites, a soldo do capital, da tríade e das multinacionais, pelo que importaria *ouvir os movimentos*, através de descodificadores dos comícios ou da assinatura de jornais e revistas, onde os respectivos líderes proclamam o caminho e a verdade.